

Entrevista com Ana Paula Martins, Bastonária da Ordem dos Farmacêuticos:

“A Professora Odette Ferreira era, acima de tudo, uma patriota”

A Professora Odette Ferreira foi pioneira na área da investigação mas igualmente no exercício de cargos como a presidência da Comissão Nacional de Luta Contra a Sida ou na concepção e implementação de ações marcantes para o país, como o programa nacional de troca de seringas... Como caracteriza a Bastonária esta personalidade?

Ana Paula Martins (APM) - A Professora Odette Ferreira era, acima de tudo, uma grande patriota. Acreditava profundamente no país e sempre sentiu que Portugal necessitava do seu melhor contributo enquanto cá estivesse. No seu caso, foi através da ciência e da ação junto, concretamente, daqueles que mais precisaram quando a situação do VIH/Sida começou a emergir e a ter políticas públicas próprias. A Professora Maria Odette Santos Ferreira, naquele momento em que lutou para convencer o Professor Luc Montagnier que tinha, de facto, um vírus diferente do primeiro já identificado e quando percebeu que tinha razão, batalhou imenso para montar o seu laboratório na Faculdade, desenvolveu muitíssimos cursos nesta área para profissionais de saúde, trabalhou com organizações juvenis, com ONG, promoveu a sua própria organização e constituição... fê-lo sempre na sua dupla vertente de cientista e cidadã. Ou seja, tinha de facto um percurso de cidadania muito forte e essa é, na minha opinião, a marca mais expressiva da sua personalidade.

Quer dizer que, mais do que investigadora, a Professora Odette Ferreira foi uma missionária na saúde em Portugal?

APM - Sim, claramente. Missionária porque havia uma visão clara e porque falava muito da sua missão, da missão de cada um de nós, dos alunos que formava, da sua equipa... Se pensarmos no conceito de missão, percebemos que se trata de algo de que não podemos desistir, com que estamos comprometidos. E, na verdade, sentiu-se sempre comprometida... O que mais a caracterizava era ser a cidadã, a patriota.

Era essa mesma cidadã que despia a veste de investigadora ou de professora para ir ao Casal Ventoso falar com consumidores e até com pequenos traficantes para perceber o fenómeno... Em suma, ia ao terreno para diagnosticar um fenómeno e encontrar formas de intervenção, o que não é propriamente habitual...

APM - Muito menos nalgém que nasceu no início do século passado, em 1925... e mulher... Daí eu dizer que a maior marca que nos deixa é a da cidadania. Felizmente, temos muito bons cientistas e investigadores que marcaram e marcam o país... Mas ela tinha uma característica muito própria: saía do seu laboratório, onde podia perfeitamente estar fechada a dedicar-se à sua investigação, saía da sua faculdade, onde era professora catedrática, saía do gabinete da Comissão de Luta Contra a Sida, onde coordenava esforços no âmbito das políticas públicas, para estar próxima daqueles que eram alvos dessas políticas e, dessa forma, perceber muito bem o que fazia falta às pessoas e o que daria mais resultado. Há uma grande diferença entre lutar por algo em que se acredita porque se experienciou e viveu. Quando falava, era a voz de muitas das pessoas que encontrava na rua e com quem colaborava. Algo que me deixa particularmente emocionada é que a Professora Odette Ferreira era profundamente autêntica... Toda a gente sabe que era uma mulher elegante, que gostava de apresentar-se bem, andou bem vestida, penteada e pintada até ao fim e nunca deixava de ter essas características quando ia ao Casal Ventoso... Ou seja, para ela, aqueles eram cidadãos em igualdade. Falava com as pessoas, numa lógica, num terreno e numa plataforma de igualdade e, por isso, não precisava de se descaracterizar

nem de ter medo. Quando alguém a aconselhava a não ir sozinha, ela dizia que não precisava de ter medo porque ia em paz, saber do que as pessoas precisavam. Assim como não deixava de ser, como era com os seus alunos, muito afirmativa.

Aliando humanismo e pragmatismo, a Professora Odette Ferreira conseguiu mobilizar centenas de farmácias no programa de troca de seringas e, mais ainda, num contexto muito conservador, estendeu o programa aos estabelecimentos prisionais...

APM - Chama-se determinação! Quando estava convencida de que a razão, no sentido *latus sensus*, existia e que o que estava a fazer era pelo bem comum e que se não o fizesse haveria falhas no sistema, ou seja, se não lutasse por determinado tipo de medida, não estaria não só a cumprir a sua missão, como a diferença que era necessário produzir na sociedade não aconteceria. Isto aconteceu variadíssimas vezes na sua vida e, pessoalmente, testemunhei ao longo dos últimos 30 anos a inúmeras situações, a Professora Odette Ferreira não parava, não desistia. Quando o programa de troca de seringas foi suspenso nas farmácias, por questões institucionais e políticas, a Professora Odette nunca mais descansou enquanto a situação não foi reposta. E posso garantir que tomou todo o tipo de medidas, chamou toda a gente e garantiu que o programa voltaria às farmácias... E já não era coordenadora...



Foram sem conta as cartas que tantos homens e mulheres, que viveram esse drama do VIH/Sida lhe dedicaram... E nunca foram conhecidas... Porquê?

APM - A Professora Odette tinha uma característica que aprendi a conhecer e que só aprendi na totalidade depois da sua morte: era uma pessoa profundamente reservada. Apesar de ser muito alegre, bem-disposta e divertida, não partilhava o que considerava do seu foro íntimo e do seu universo mais profundo. Essas cartas, essas palavras, essa intimidade, não as punha... talvez também para preservar as pessoas e para garantir que, nunca, em algum momento, alguma coisa que pudesse dizer fragilizasse de alguma forma. No combate da Professora Odette, através da ciência, houve uma componente muito importante, a da não discriminação. Usou sempre todos os momentos em que falava do vírus, explicando exatamente quais eram os riscos e como se podia evitar a infeção, aproveitando para dizer que, se era possível evitar a infeção, então não havia qualquer razão para discriminar.

Vários países se vergaram à “revolução” baseada na ciência e traduzida em humanismo, implementada por esta mulher no seu país e exportada para o mundo... Amada e reconhecida lá fora, muito mais do que cá dentro...

APM - Ao longo da vida, foi havendo uma evolução relativamente a esse reconhecimento... É verdade que foi primeiro reconhecida lá fora, nomeadamente pelos franceses e até por outras áreas profissionais que não a sua... Excepcionalmente obviamente as farmácias e as suas organizações, nomeadamente a ANF que, a par dos seus alunos, estiveram sempre na primeira linha desse devido reconhecimento. A verdade é que não temos muito instituída a cultura do reconhecimento. Estamos melhores mas continua a parecer que é necessário que passem séculos sobre as pessoas, que estas desapareçam para reconhecer não só a falta que nos fazem mas, sobretudo, o legado que nos deixam. Essa cultura de reconhecimento é algo de que todos nós, portugueses, precisamos fazer acontecer. Apesar de tudo, creio que a Professora Odette sempre viveu bem com isso e nunca senti que fizesse menos por não ter reconhecimento. E quando o reconhecimento vinha, humildemente agradecia como se tivesse sido o momento certo e acreditava que servia, não tanto para a promover pessoalmente mas para promover aqueles que representava, abrindo um espaço na agenda política, mediática e social para aqueles que precisavam mais, as populações mais expostas e excluídas. Nunca a ouvi lamentar ou criticar a demora...

Projetando o futuro a partir desse combate que fez ao estigma, que melhor homenagem poderíamos dedicar à Professora Odette Ferreira?

APM - Continuar... Continuar a lutar de uma maneira ainda mais firme contra a discriminação. Já se passaram muitos anos, a ciência já resolveu uma grande parte do que



representava viver com o VIH e manter situações e comportamentos de discriminação é hoje inaceitável.

Sabemos que tinha uma relação muito próxima com a Professora Odette... É capaz de destacar o reconhecimento que mais valorizou?

APM - Como é sabido, a Professora Odette recebeu muitos prémios, condecorações e homenagens, assim como viveu muitos anos... Houve uma ação muito importante para ela: o reconhecimento que os alunos da Faculdade de Farmácia lhe prestaram, ao proporem em Conselho de Escola, que o auditório, que ela tanto lutou para se construir, se chamasse Maria Odette Santos Ferreira. Foi apenas há dois anos e recordo-me de ter feito uma intervenção, enquanto bastonária, e já nessa altura sentia que seria muito reconfortante passar ali todos os dias e ver o seu nome naquela parede. Entre todas as condecorações que recebeu, como a do governo francês ou dos presidentes da República de Portugal, houve uma que a emocionou particularmente e de que falava várias vezes: as insígnias que as farmácias lhe deram. Depois de ter isolado o VIH, o programa de troca de seringas foi, claramente, um programa com impacto a nível mundial, projetando na altura o país. Na altura, a ANF, com a organização que tinha, com a persistência dela em convencer o Dr. João Cordeiro, fez com que o programa acontecesse e, deste modo, contribuiu para mudar o padrão epidemiológico e, simultaneamente, diminuir a discriminação, dar alguma ajuda e promover a referenciação.

Falamos numa visionária?

APM - Sim, claramente. E como a maioria dos visionários, tinha razão antes do tempo e fazia algo interessante, ao contrário dessa maioria: sabia esperar o momento certo para fazer as coisas acontecerem. Sabia insistir quando era necessário e dar espaço para que percebessem os argumentos. Claramente, uma mulher à frente no seu tempo!

Terá sido a mulher que melhor soube interpretar o desígnio social da Ordem dos Farmacêuticos?

APM - Sem dúvida! O desígnio social, claramente! Quanto ao desígnio científico, felizmente, tivemos também grandes figuras da profissão farmacêutica, bem como no desígnio institucional, com grandes figuras que nos honram, ou nos desígnios históricos de transmissão da nossa identidade. Em termos de responsabilidade para com a sociedade, não tenho qualquer dúvida de que marcou claramente a profissão.